



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A AUTONOMIA FEMININA NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA PERSPECTIVA SOB O VIÉS ONTOPSICOLÓGICO

Ana Claudia Guske¹

Bruno Fleck da Silva²

RESUMO

A mulher, a partir do cenário da agricultura familiar no sul do Brasil está inserida em um ambiente cultural próprio. Frente às suas vontades e necessidades enquanto pessoa, este estudo objetiva investigar a expressão da autonomia feminina no contexto do grupo de mulheres “Casa das Trabalhadoras ‘do Campo à Cidade’”, localizado no município de Cachoeira do Sul/RS - Brasil. De modo específico buscou-se contextualizar a autonomia de acordo com a perspectiva ontopsicológica, compreender o cenário cultural da agricultura familiar no sul do Brasil em que a mulher rural está inserida e avaliar a relação entre autonomia e o papel da mulher na conjuntura do grupo de mulheres “Casa das Trabalhadoras do ‘Campo à Cidade’”. Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo cuja modalidade é o estudo de caso. Os procedimentos técnicos aplicados foram a pesquisa bibliográfica, observação e o instrumento de verificação de dados a partir do grupo focal. A análise partiu do mapeamento dos dados, que foram classificados a partir do estabelecimento de categorias. Após, realizou-se a articulação entre as categorias e o referencial teórico. A partir dos resultados obtidos pode-se observar que um padrão de consideração consigo próprio entre as participantes, apresentando diferentes intenções ao participar do grupo, no entanto não demonstram autonomia conforme preconiza a ciência ontopsicológica. Também foi possível perceber que, o contexto em que as entrevistadas estão inseridas não favorece o desenvolvimento da mulher enquanto pessoa, sendo que as entrevistadas não demonstraram assumir a responsabilidade individual de confrontar todos os impedimentos que as afastam do alcance a autonomia.

Palavras-chave: Mulher; Autonomia; Agricultura Familiar; Ontopsicologia.

¹ Pós-graduanda, Especialização em Ontopsicologia. E-mail: anaclaugsk@gmail.com

² Professor orientador. E-mail: bruno.fleck@hotmail.com



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar no Brasil apresenta um contexto diverso a partir dos sujeitos e das relações estabelecidas no espaço em que estão inseridos. As mulheres neste cenário, possuem um lugar que lhe é atribuído como próprio, no entanto nem sempre buscou-se investigar aspectos de sua individualidade frente a conjuntura na qual estão inseridas.

A partir destas circunstâncias, o problema desta pesquisa interrogou a expressão da autonomia feminina no contexto do grupo de mulheres “Casa das Trabalhadoras ‘do Campo à Cidade’”.

Deste modo, este estudo propôs investigar a expressão da autonomia feminina no contexto do grupo de mulheres “Casa das Trabalhadoras ‘do Campo à Cidade’”, localizado no município de Cachoeira do Sul/RS - Brasil. Este propósito foi alcançado através do estabelecimento de etapas específicas, sendo elas: 1) contextualizar a autonomia de acordo com a perspectiva ontopsicológica, 2) compreender o cenário cultural da agricultura familiar no sul do Brasil em que a mulher rural está inserida e 3) avaliar a relação entre autonomia e o papel da mulher na conjuntura do grupo de mulheres “Casa das Trabalhadoras do ‘Campo à Cidade’”.

Cabe realçar que o desenvolvimento desta pesquisa se destaca como relevante por inúmeros motivos. Evidencia-se que a partir do conhecimento de si mesmas, as mulheres entrevistadas também conhecem o ambiente em que estão inseridas e isso é importante para que possam ter informações capazes de amparar um posicionamento futuro. Ainda, a exploração científica profunda a partir de uma delimitação de tempo e espaço, contribui com a caracterização de um lugar, podendo fundamentar novas investigações, além de servir de suporte para o desenvolvimento de políticas públicas relacionadas ao contexto estudado.

No que tange a organização dos capítulos propostos, o capítulo 2, apresenta a autonomia a partir da perspectiva ontopsicológica sendo resgatado alguns aspectos importantes relativos a trajetória do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, assim como um panorama geral relacionado à Ontopsicologia. O conceito de autonomia foi apresentado bem como sua classificação, em quatro tipos.

O capítulo 3, intitulado “Mulher” expôs a figura feminina a partir dos preceitos ontopsicológicos e a caracterização cultural da agricultura familiar em que a mulher rural está



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

inserida. Para esse fim, buscou-se referencial teórico específico, tanto a partir do viés ontopsicológico, quanto capaz de caracterizar o cenário cultural da agricultura familiar que mais se aproxima do recorte espacial que esta pesquisa propôs.

No quarto capítulo caracterizou-se o método da pesquisa, assim como os motivos pelos quais as delimitações estabelecidas são apropriadas a esta investigação. Além disso, também foram explicitadas as etapas específicas que foram seguidas no estudo.

O quinto capítulo apresentou os dados coletados, sua respectiva classificação através de categorias e posterior articulação com o referencial teórico. A partir do tratamento dos dados foi possível apresentar considerações específicas relacionadas ao recorte delimitado nesta investigação.

2 A AUTONOMIA A PARTIR DA PERSPECTIVA ONTOPSICOLÓGICA

A seguir, apresenta-se, em linhas gerais, a ciência ontopsicológica assim como aspectos relacionados à trajetória do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. O conceito de autonomia a partir da óptica ontopsicológica foi abordado, bem como sua classificação em quatro tipos: a) autonomia psicológica; b) autonomia legal; c) autonomia econômica e d) autonomia social.

2.1 A CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA E O ACADÊMICO PROFESSOR ANTÔNIO MENEGHETTI;

A Ontopsicologia é uma ciência fundada pelo italiano Antonio Meneghetti (1936 - 2013). Em sua trajetória construiu vasta qualificação acadêmica e atuou profissionalmente por vários países do mundo.

Meneghetti (1936 - 2013) cursou três doutorados clássicos (Filosofia, Ciências Sociais, Teologia e em Filosofia com Abordagem Psicológica), foi reconhecido com uma *laura* em Universidades Pontifícias (em Física pela descoberta do Campo Semântico) e recebeu títulos *honoris causa* (em Psicologia). O seu conhecimento era vasto e profundo em diversos campos



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

do saber humano, incluindo música, poesia, arte, arquitetura, literatura, gastronomia, economia, direito e artesanato artístico (Carotenuto, 2013).

Segundo a Associação Brasileira de Ontopsicologia (2013), no ano de 1971 houve a primeira formalização teórica da Ontopsicologia, por meio de texto utilizado em aulas proferidas por Antonio Meneghetti, então com 35 anos de idade, na faculdade de filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma. No entanto, a experimentação que demonstrou a validade da teoria em sentido científico ocorreu em um período aproximado de dez anos.

A ciência ontopsicológica partiu do problema crítico do conhecimento. Edmund Husserl (1859-1938) já havia anunciado a crise das ciências e neste sentido, o conhecimento da realidade exata ainda estava em aberto (Antonio Meneghetti, 2023).

A Ontopsicologia nasceu de “ocasiões vivas de clínica, de consultoria ou de ensino” (Carotenuto, 2013) e se refere a uma abordagem interdisciplinar “e epistêmica cujo objetivo é a investigação e a demonstração da capacidade de conhecer o real de modo reversível”. Nesta conjuntura, Meneghetti (1936 - 2013), demonstrou que o erro está no processo formativo e reflexivo da consciência humana e o sujeito, para que possa conhecer o real, necessita a revisão da consciência (ABO, 2023).

O método ontopsicológico é um conhecimento epistêmico elementar que faz da Ontopsicologia uma ciência autônoma com objeto, método e fim próprio. Trata-se de um conhecimento infinitamente interdisciplinar que pode ser aplicado a diversos campos, como por exemplo econômico, político, médico, artístico, científico e pedagógico, com suporte à figura do líder (ABO, 2023).

Visando a aplicação do método, a Ontopsicologia compreende que o ser humano é constituído por um princípio ontológico, formal e inteligente (MENEGETTI, 2010), que se constitui como elemento criteriante às escolhas do indivíduo de modo que haja um devir da personalidade em conformidade à identidade do próprio sujeito. Nesse sentido, toda a visão de autonomia está baseada não no seguimento a uma norma racional elaborada pelo próprio sujeito, mas pela própria virtualidade de sua identidade.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

2.2 A AUTONOMIA A PARTIR DA ÓTICA ONTOPSICOLÓGICA

A autonomia no contexto da ciência ontopsicológica é definida como uma “impostação prática de como se inserir com resultado positivo no sistema social para garantir a si mesmo como pessoa, como sociedade e como *business*” (Meneghetti, 2020, p. 19).

Para Meneghetti (2020) a autonomia é adquirida pela pessoa à medida em que se relaciona historicamente. Cada indivíduo deve transcender os estereótipos sociais e realizar a si próprio. Para isso, deve fazer escolhas sem que fique dependente de alguma condição. A estrada individual deve ser construída de modo ascendente, sempre em progresso.

O autor diferencia quatro tipos de autonomia:

- a) autonomia psicológica;
- b) autonomia legal;
- c) autonomia econômica;
- d) autonomia social.

Estes quatro tipos de autonomia compõem o sujeito autônomo e é através destes critérios que a pessoa pode alcançar a felicidade, ou seja, “[...] um estado interior psicológico de autonomia de si mesmo” (Meneghetti, 2020, p. 29).

2.2.1 A autonomia psicológica

De acordo com os preceitos ontopsicológicos a autonomia psicológica se refere à liberdade interior do sujeito. A pessoa deve ser livre dentro de si mesma para poder alcançar a autonomia psicológica e agir sem ser escravo de outro.

O método científico da Ontopsicologia é uma técnica que faz a verificação do sujeito. Assim, a pessoa neste processo encontra-se consigo mesma e confronta-se, examinando, se o que encontra é conforme sua própria natureza ou se o seu agir obedece à sua própria identidade.

Este processo requer um profundo conhecimento íntimo, sendo necessário analisar seus próprios medos e angústias, compreendendo porque toma determinadas decisões. Nesse



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

sentido, o exame de si mesmo visa verificar o resultado da ação do sujeito. A pessoa por ela mesma, pode caminhar ao progresso ou se dirigir ao fracasso existencial.

As escolhas que permitem ganhos vitais para o sujeito são aquelas que estão alinhadas à natureza da pessoa. As ações baseadas em ideologias fixas de informação paralisam, não permitindo atualização constante.

A pessoa enquanto é jovem deve aprender a fazer o jogo de cintura, não agindo de modo fixo à rede afetiva. Depois de aprender o jogo, o executa na grande sociedade. A partir da ótica ontopsicológica é este desprendimento que assegura o ganho de maturidade e o consequente ganho social.

Para Meneghetti (2020, p. 23) “[...] a autonomia psicológica é ser livre de qualquer ideologia: de partido, religiosa, marxista, oriental, de virgindade, do sexo etc.”. Assim, tudo aquilo que prende e estagna deve ser evitado, pois não permite a atualização constante do sujeito.

2.2.2 A autonomia legal

No contexto social existem mecanismos que estabelecem regras à conduta dos sujeitos. Estes regramentos são ferramentas burocráticas que podem ser exemplificadas através do cartão de crédito, do visto para um estrangeiro, do passaporte, da carteira de habilitação e tantos outros que possibilitam ou não a liberdade civil.

A pessoa deve se atentar a estes cuidados, pois eles podem impedir a ação, significando falta de liberdade e autonomia legal.

Meneghetti (2020) exemplifica a autonomia legal descrevendo o caso de jovens, com faixa etária de 32 a 34 anos, que não puderam realizar uma grande oportunidade internacional porque não tinham a permissão para entrar no país onde gostariam de operar. Isso aconteceu porque na idade de 18 a 20 anos cometeram um erro, foram descobertos transportando uma remessa de drogas. A consequência da ação impediu a mobilidade internacional e assim se estabeleceu uma limitação legal que, neste caso, impediu uma oportunidade de crescimento.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

Estes elementos burocráticos do Estado, que garantem a liberdade legal, permitem jogar socialmente, são eles que asseguram a autonomia legal.

2.2.3 A autonomia econômica

A independência econômica é um ponto de fragilidade porque se não se tem este tipo de autonomia, aquele que concede o aporte financeiro, estabelece suas condições. Meneghetti (2020) ensina que os jovens nem sempre compreendem este aspecto e isso acaba sendo um problema, pois não podem agir conforme o que é melhor para si.

No caso das mulheres, quando escolhem um parceiro com base em sua economia, ficam condicionadas a ele porque, por mais que suas necessidades materiais estejam satisfeitas, não podem construir seu próprio caminho. Nestes casos, é por volta dos 35 a 45 anos de idade³ que o resultado psicossomático começa a aparecer. A doença é o resultado por ter escolhido uma vida limitada em relação ao progresso que poderia alcançar para si mesmo (Meneghetti, 2020).

Baseado neste entendimento, é na liberdade que a inteligência faz a vida. Com o controle de sua própria economia, pode-se fazer escolhas, e neste sentido é possível concluir que a liberdade possui um valor que deve ser pago por cada um, de forma individual.

2.2.4 A autonomia social

A autonomia social é um tipo de independência requerida quando se tem certo nível de crescimento e se refere ao poder de escolha individual e autônomo.

Quando se recebe favores para alcançar certa posição social, um dia se deverá pagar por eles, e deste modo não se tem autonomia social. Um partido político, por exemplo, não possibilita que o sujeito tenha autonomia social, pois as escolhas a serem tomadas devem estar de acordo com a direção de quem possibilitou o alcance de tal posição. Neste sentido, também

³ Considerando que a mulher tenha escolhido o parceiro por volta dos 18, 20 anos.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

são limitadores da autonomia social as igrejas e os bancos, assim como tantas outras instituições que devem consentir a realização de algo.

O sujeito deve alcançar o crescimento através de uma estrada livre de impedimentos, seja na área legal, fiscal ou social, assim como em qualquer outra. A autonomia social acaba por salvaguardar aquele que trilha com inteligência seu próprio caminho.

Meneghetti (2020, p. 29) defende que “a felicidade é um estado interior psicológico de autonomia de si mesmo”. Neste ínterim, a conjunção da autonomia psicológica, legal, econômica e social é capaz de amparar a construção sólida daquele que quer ser livre dentro de si mesmo.

Barbieri e Andreola (2012) ao tratar da autonomia em mulheres, contribuem esclarecendo que a conquista da autonomia deve ser de responsabilidade da pessoa e que este processo tem como resultado a liderança pessoal, profissional e social.

3. A MULHER

A mulher é uma conjuntura específica diferente do homem. Meneghetti percebendo esta peculiaridade, foi o teórico que, de modo especial, dedicou-se ao estudo da mulher, visando compreender os elementos constitutivos da psicologia feminina (Carenuto, 2013). Conhecer a mulher como uma individualidade é uma temática relativamente nova, pois temas como “inteligência ao feminino” passaram a ser discutidas a partir dos anos 2000. Estes debates, por sua vez, acabaram por evidenciar informações sobre a especificidade da mulher.

De modo geral, a mulher faz sua vida com base no automatismo. Casam-se, porque todos assim fazem. Tem medo de fazer escolhas diferentes, de “[...] sair de contextos e papéis frustrantes, mas seguros” (Carenuto, 2013, p. 23). A mulher seguindo o que já está estabelecido, tem motivos para tomar o lugar de vítima e culpabilizar os outros pela sua falta de realização. Assim, é mais “fácil”, não precisam fazer nada para alcançar sua liberdade. O controle deste engenho é realizado pelos próprios pares, são as mulheres que garantem o funcionamento capaz de impedir a ação feminina na criação histórica.

No âmbito social, Menghetti (2013c, pág. 43) explica que “toda a nossa civilização do passado é baseada na família, por consequência a mulher se vê como sexo, como produtora,



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

mãe de filhos, e não consegue compreender o primado de si mesma, como espírito, como mente, como pessoa”. Desta forma, é possível observar que as circunstâncias históricas conduzem a figura feminina a um padrão que é aceito tanto socialmente, quanto individualmente pelas próprias mulheres.

Se a mulher quer família e filhos, pode ter, mas não de modo absoluto, porque “isso implica automaticamente o fim da evolução natural da pessoa e do querer uma realização superior” (Meneghetti, 2013c, p. 185). A família, segundo a perspectiva ontopsicológica é um dos tantos jogos, sendo que a vida não termina com a família e os filhos.

Uma mulher pode ter também uma família e fazer filhos para prepará-los a entrarem na sociedade, mas deve saber que um filho leva embora pelo menos dois a cinco anos de vida. Se a mulher se mantém em forma, aos quarenta e cinco anos pode começar uma brilhante carreira, começar a universidade, ou aprender um ofício. O importante a saber é que a família não é tudo, nem o máximo que se pode obter [...] (Meneghetti, 2013a, p. 195-196).

Meneghetti (2017) relata que a partir de suas experiências encontrou poucas mulheres quase totalmente realizadas, que todas estavam além dos 50 anos e que nenhuma possuía ligação afetiva com seus familiares, conseguindo se libertar do papel estereotipado de fêmea proposto pela sociedade. “[...] depois cada uma se isolou para viver a própria vida de arte e solidão solar” (Meneghetti, 2017, p. 17). O autor destaca ainda, que todo este processo não depende dos outros, é o sujeito que faz a própria alegria.

No mesmo sentido, Barbieri e Andreola (2012) corroboram apontando a necessidade de a mulher assumir a responsabilização por sua própria história, sendo capaz de contribuir com uma sociedade que necessita de suas habilidades específicas. Saindo do lugar de vítimas e assumindo o controle sobre sua própria vida, a mulher é capaz de interferir não só no contexto em que está inserida, mas refletir, através de si, em contextos mais amplos.

Politicamente, são elas que possuem maior probabilidade de conhecer e defender os seus direitos e promover o desenvolvimento local, que posteriormente repercute no contexto global (Barbieri; Andreola, 2012, p. 493).



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A partir da conquista da autonomia, a mulher contribui, então, com sua atuação no espaço social. Meneghetti (2000), neste sentido, defende que o paralelo da inteligência feminina é insubstituível para a existência da prosperidade no planeta.

Ainda, Meneghetti (2013a) complementa estabelecendo que após a mulher ter afrontado todo o aspecto psicológico, deve entrar nos particulares, indicando assim, a estilística do sucesso feminino. As 24 horas devem ser divididas em três momentos: 1) O trabalho: se a zona do trabalho é bem alimentada, a mulher salva acima de tudo a si mesma; 2) As relações com os outros: a mulher deve cultivar somente aquelas pessoas que são úteis para chegar à própria liderança social; e 3) A própria interioridade: é uma forma de cuidado, deve-se ter o próprio tipo de cultura e exercê-la continuamente.

A mulher necessita cuidado com o próprio corpo, preservando sobretudo a sua casa, pois é no cuidado consigo mesma que desfruta de sua própria companhia. É importante encontrar um perfume que seja adequado à própria personalidade, além disso, a mulher deve vestir-se de modo que mais se pareça consigo mesma, deve fazer escolhas para que se torne mais bonita. Complementando, Meneghetti (2013a, p. 287) ressalta que “a beleza e o poder são o resultado da arte de cultivar a própria inteligência pessoal... O feio, o infortúnio e a velhice precoce estão sempre coligados com um erro de inteligência pessoal, são o resultado de um comportamento psicológico”.

A beleza neste contexto, é o resultado de um conjunto de cuidados de si mesma que conferem à figura feminina poder, uma medida da alma quando vive com sucesso (Meneghetti, 2013).

3.1 A MULHER NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

O conceito de agricultura familiar se refere a um grupo familiar que possui os meios de produção e assume o trabalho no estabelecimento produtivo (Stropasolas, 2006). De acordo com o autor, as áreas rurais apresentam uma herança social específica, estabelecendo um contexto próprio e recorrente entre os indivíduos que integram um mesmo espaço social.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A mulher inserida no espaço da agricultura familiar, ocupa um lugar que lhe é dado como próprio. Não ocupa uma posição qualquer, mas um posto que obedece às mais diversas relações, como as de hierarquia, de geração, de gênero e de sucessão hereditária (Stropasolas, 2006).

No contexto sul brasileiro, Weber (2014) explica que a unidade familiar é uma característica muito presente no espaço rural. A família é um elemento constituidor dos sujeitos, sendo uma referência sólida e aglutinadora da organização de vida.

O casamento é uma categoria social muito importante e de acordo com Woortmann (1995) não é uma escolha individual livre entre dois sujeitos, mas um acordo entre dois grupos familiares que envolve sucessão patrimonial e reprodução social da agricultura familiar.

O contexto social rural através da unidade familiar, um de seus elementos, define papéis que subordinam as aspirações pessoais dos membros familiares, limitando a liberdade e a participação dos jovens no processo de tomada de decisão (Weber, 2014). Abramovay (1997) especifica que para as moças, a conjuntura é ainda mais limitante, pois lhes cabe um papel hierárquico inferior, mesmo considerando o processo sucessório ou o casamento.

A desvalorização feminina, que reflete diretamente na autoestima da mulher rural, e o fato de que a sucessão familiar se dá geralmente ao filho homem, contribuem diretamente para a migração campo-cidade (Weber, 2014). Ou seja, as mulheres, mais do que os homens procuram buscar outros contextos de vida tendo em vista as circunstâncias que o ambiente cultural rural estabelece, havendo assim, uma recusa a condição de agricultora.

É tradicional que a igreja, assim como a unidade familiar, aja sobre as estruturas inconscientes dos moradores do campo. Stropasolas (2006) aponta que o clero condena o comportamento feminino que não esteja de acordo com os padrões morais e éticos estabelecidos, propondo uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, apresentando uma moral familiarista que salvaguarda valores patriarcais que preconiza a inferioridade feminina.

Em um contexto mais contemporâneo sobre a relação da mulher no contexto rural Weber (2014, p. 11) salienta que:

Nos últimos anos podemos observar que alguns movimentos ligados às mulheres do campo, influenciaram não somente para acabar com a invisibilidade do trabalho



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

feminino nesse setor, mas também se iniciou o questionamento de pressupostos de que a família rural se comporta como se fosse um único indivíduo, tal a identidade de valores e práticas entre seus membros.

A autora expõe que antes da década de 1960 a mulher era estimulada a permanecer no campo como um elo de reprodução, no entanto esta perspectiva se alterou e atualmente, a saída das filhas, hoje é incentivada até certo ponto pelos pais, que estimulam o trabalho das jovens na qualidade de domésticas ou como trabalhadoras em empresas agroindustriais.

É possível perceber que as circunstâncias culturais que envolvem a mulher rural no sul do Brasil não são um estímulo para o desenvolvimento da autonomia, seja ela psicológica, legal, econômica e social, como discrimina Meneghetti (2020).

O autor (2012) esclarece que o ambiente é o espaço territorial ou mental de um indivíduo e que essa interação pode reforçar a identidade ou reforçar a patologia, deste modo, o ambiente nunca é neutro na interação com o sujeito: ou amplia ou reduz.

Os jovens rurais do sul do Brasil, de modo geral, estão se uniformizando com o estereótipo urbano e com isso, acabam perdendo sua “[...] intuição aguçada... perdendo a ‘leitura’ de um saber constituído que sempre foi um conhecimento real e natural, do qual o homem do campo sempre se valeu para fazer seu trabalho” (Weber, 2014, p. 70).

Assim, é possível compreender que o ambiente rural, enquanto território de origem da mulher, não reforça sua identidade por limitá-la a padrões culturais. No entanto, a migração para um ambiente externo a desloca de seu ambiente de origem, fazendo com que se extinga um saber aguçado do sujeito para com seu ambiente.

Esta conjuntura dificulta o entendimento de si mesmo e quando a pessoa, não se conhece, não se compreende e age a partir do que é fixo, apenas suporta a existência (Weber, 2014), sem alcançar a autorrealização. Para fazer diferente é necessário a mudança contínua, contudo este é um caminho que deve ser trilhado individualmente através dos pequenos fatos do dia a dia.



*Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019*

4 A CASA DAS TRABALHADORAS RURAIS “DO CAMPO À CIDADE”

No final do ano de 1997, organizou-se no município de Cachoeira do Sul, um ideal junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e a Secretaria Municipal de Agricultura (SMA), de formalizar ações que visassem à autopromoção da mulher na atividade rural.

Esse propósito fez que, no ano de 1998, fosse criada a Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais do município de Cachoeira do Sul, com a integração de cinco grupos juntamente com órgãos e entidades empenhadas no desenvolvimento e crescimento das famílias rurais assistidas.

A consolidação e efetivação deste projeto não se deu de forma isolada, mas veio embasar a referência da Federação dos Trabalhadores na agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS).

No que tange a organização das mulheres trabalhadoras rurais, o Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), iniciou-se em 1970, quando a FETAG criou as escolas de formação, onde moças e senhoras, participaram de cursos de corte e costura, crochê e tricô. No entanto, foi somente no final da década de 70 e início dos anos 80, é que as mulheres começaram a se organizar em busca de direitos e espaços no MSTTR.

Cabe destacar que um dos objetivos da Fetag - RS à Organização das Mulheres Trabalhadoras Rurais é “Dar visibilidade e despertar para sua importância na sociedade, no Movimento Sindical, na política, fortalecendo assim a autoestima da mulher trabalhadora rural” (FETAG-RS, 2023, p. 1).

No contexto da Associação Municipal das Trabalhadoras Rurais do município de Cachoeira do Sul, havia um esforço para a constante aquisição de conhecimentos que permitissem a promoção de geração de lucro através das atividades desenvolvidas. No ano de 2004, após alguns esforços falhos, houve articulação de uma figura pública do município, senhora Diná Marilú juntamente com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeira do Sul, objetivando a obtenção, através da Prefeitura Municipal, de um local viável para a alocação de um projeto neste sentido.

A casa localizada na Praça Borges de Medeiros, na Rua Melvin Jones, foi considerada, no entanto por estar em péssimas condições de uso, necessitou passar por um processo de reforma. Com o trabalho gratuito da arquiteta Elizabete Thompson e do Engenheiro civil, Juarez



*AntonioMeneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019*

Rossette, a organização foi inaugurado sob o título de “Casa das Trabalhadoras Rurais ‘Do Campo à Cidade’” de Cachoeira do Sul no dia 07 de março de 2004.

O estabelecimento é caracterizado como uma instituição sem fins lucrativos, com o objetivo principal de proporcionar às produtoras rurais, a oportunidade de comercialização de seus produtos e de estímulo a sua identidade e sua autoestima. Foi estabelecido que dez por cento do valor arrecadado com a venda de cada produto, seja revertido à Casa para sua manutenção. A administração, é coordenada pelas próprias mulheres selecionadas pelos grupos vinculados à organização.

A Casa também conhecida como a “Casa das 800 mulheres”, se consolidava a fim de oferecer a capacidade de efetivação dos conhecimentos culinários às mulheres rurais como forma de geração de renda.

Com o passar do tempo foram iniciadas atividades que melhor dispusessem os produtos oferecidos, como padronização, prestação de serviços aos clientes e ações que melhor promovam o ambiente. Atualmente a Casa é composta por uma singularidade que a faz ser reconhecida em seu âmbito alimentício familiar.

5 MÉTODO

Esta pesquisa é do tipo aplicada pois, conforme define Ander-Egg (1978) caracteriza-se por seu interesse prático, ou seja, que os resultados sirvam de embasamento para aplicação na solução de problemas que ocorrem na realidade.

Segundo a natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa uma vez que se propõe a estudar a experiência vivida das pessoas, segundo a perspectiva dos próprios atores sociais (Marconi; Lakatos, 2018). Distingue-se como um estudo de caso porque permite uma análise profunda de um único episódio, permitindo um amplo e detalhado conhecimento. Conforme Yin (2014) a modalidade do estudo de caso é própria para a investigação de fenômenos contemporâneos dentro do seu contexto real. Na conjuntura desta pesquisa, esta particularidade se ajusta a delimitação da proposta, pois busca avaliar relações dentro de um contexto específico.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A partir dos objetivos, a pesquisa apresenta-se como exploratória se propondo a facilitar a obtenção de uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de enquadramento é apropriado quando a temática selecionada é pouco explorada (Marconi; Lakatos, 2018). A pesquisa do tipo exploratória é de fundamental importância, pois além de tornar familiar fenômenos relativamente desconhecidos, serve de base para outros tipos de pesquisa, como as descritivas e as explicativas (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Quanto aos procedimentos técnicos foram utilizadas a pesquisa bibliográfica, a observação e o grupo focal. As fontes bibliográficas utilizadas foram livros, periódicos científicos e trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses da área, além de anais de encontros científicos. A revisão da literatura objetivou verificar o estado do conhecimento no que tange a delimitação desta pesquisa, esclarecendo o significado dos conceitos utilizados assim como estabelecendo relações entre os mesmos. A observação é um procedimento complementar de coleta de dados e possui a finalidade de analisar aspectos da realidade não explícitos verbalmente. O grupo focal, ocorreu em duas ocasiões, reunindo as quatro mulheres que participaram da coleta de dados, em ambiente tranquilo e informal, propondo a abordagem de questões relacionadas ao tema de pesquisa. A técnica foi selecionada nesta pesquisa, porque ultrapassa a coleta de dados, se prestando a analisar a interação entre os participantes.

Os questionamentos propostos às integrantes do grupo foram divididos em quatro categorias (1) Identificação das participantes, (2) Mapeamento da motivação pessoal referente a participação na “Casa das Trabalhadoras ‘do Campo à Cidade’”, (3) Autonomia pessoal e (4) Autonomia no contexto das mulheres rurais.

Cabe salientar que a amostragem selecionada se deu por oportunidade. A “Casa das Trabalhadoras ‘Do Campo à Cidade’” está localizada na zona urbana do município de Cachoeira do Sul fazendo parte do contexto social da pesquisadora. As mulheres integrantes do estabelecimento foram selecionadas por possuírem características específicas e apropriadas à temática desta investigação.

A análise de dados foi realizada a partir da Minayo (1992) que estabelece dois níveis de interpretação. O primeiro envolve a conjuntura relacionada ao contexto sócio-histórico do grupo pesquisado, implicando a compreensão de aspectos socioeconômicos, políticos e



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

históricos. O segundo nível de interpretação baseia-se no encontro com os elementos surgidos na investigação.

Quanto a operacionalização da proposta de Minayo (1992) foram seguidos os seguintes passos: (1) Ordenação dos dados; (2) Classificação dos dados e (3) Análise final. A ordenação dos dados incluiu o mapeamento dos dados obtidos, a classificação dos dados compreendeu a elaboração de categorias a partir da fundamentação teórica e a análise final englobou a articulação entre as categorias e os referenciais teóricos, a partir dos objetivos estabelecidos.

6 A AUTONOMIA E AS MULHERES DA “CASA DAS TRABALHADORAS ‘DO CAMPO À CIDADE’”

As integrantes da “Casa das Trabalhadoras ‘Do Campo à Cidade’” são quatro mulheres entre quarenta e dois e setenta e sete anos, conforme Quadro 1, cujos nascimentos ocorreram nas décadas de 1940, 1960 e 1980.

Quadro 1: Integrantes da Casa das Trabalhadoras “Do Campo à Cidade”

INTEGRANTES DA CASA DAS TRABALHADORAS	
Participante “A”	77 anos
Participante “B”	57 anos
Participante “C”	42 anos
Participante “D”	60 anos

Fonte: Autora (2023)

Todas as mulheres que participaram da pesquisa residem na zona rural de Cachoeira do Sul e desempenham atividades relacionadas à fabricação de panifícios no estabelecimento selecionado, que está localizado na zona urbana do município.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A coordenação das atividades realizadas na “Casa das Trabalhadoras” é realizada, de modo direto, por uma das integrantes, nomeada nesta pesquisa como a participante “B”. A participante “A”, contribui ativamente nos preparos e está sempre à disposição para produzir quando uma grande quantidade de preparos é encomendada. As entrevistadas “C” e “D” são membros de um mesmo grupo familiar e integram o grupo de trabalhadoras, no entanto, possuem outros compromissos laborais, como atividades produtivas nas suas respectivas propriedades.

Todas as integrantes do estabelecimento são casadas e possuem filhos, sendo que em 75% dos casos, os filhos não residem na casa dos pais. Apenas uma das mulheres possui uma filha menor de 18 anos que reside na casa dos genitores.

As participantes informaram que possuem baixo grau de escolaridade. Considerando o total de mulheres que participaram da pesquisa, 75% delas possui ensino fundamental incompleto, tendo frequentado durante cinco anos estabelecimentos formais de ensino, e 25% possui com ensino médio completo. A maioria das mulheres justificou seu baixo grau de escolarização em função da não oferta de níveis mais avançados de ensino quando frequentavam os estabelecimentos educacionais em idade regular. É possível perceber que, mesmo não havendo oferta de graus mais elevados de ensino quando as entrevistadas estudavam em idade regular, nenhuma delas preocupou-se em, posteriormente, aperfeiçoar seu nível de escolarização.

Todas as integrantes, além do seu envolvimento na “Casa das Trabalhadoras”, participam de outros grupos de mulheres rurais, ou seja, suas atuações enquanto mulheres inseridas no contexto da agricultura familiar não é limitada a uma única organização. Isso demonstra que são ativas no contexto em que atuam.

É porque participavam de outros grupos de mulheres que vieram, por convite de seus pares, a integrar o grupo da “Casa das Trabalhadoras”. Somente uma das participantes passou a integrar o grupo por convite de uma amiga, que sugeriu seu envolvimento porque havia sofrido um acidente vascular cerebral - ACV e precisava se “distrair”. Na época, por ocasião da sua condição de saúde e sugestão de seus familiares, havia passado a residir mais próximo da "cidade" para conviver com suas amigas. Neste contexto, há 18 anos, a participante “A”



AntonioMeneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

integra o grupo e declara que está muito bem no que tange sua condição de saúde, atribuindo sua melhora às atividades que passou a desempenhar.

Meneghetti (2019) explica que a doença é uma linguagem da atividade psíquica e que é preciso compreender a intenção do falante para que a cura seja alcançada. Neste sentido, pode-se inferir que a participante “A”, a partir de suas novas atitudes, agiu em favor de si mesmo, alcançando mais prazer e satisfação com sua vida, afastando assim, a doença.

Quando questionadas sobre o motivo pelo qual integram a “Casa das Trabalhadoras”, pode-se mapear duas categorias, uma delas relacionada ao combate do envelhecimento e da doença e a outra categoria referente à satisfação pessoal e o alcance da felicidade.

Como um exemplo da primeira categoria mapeada, a entrevistada “A” relatou:

“Nem sempre o marido está em casa, está na lavoura e o que eu vou fazer? Ficar em cima do sofá envelhecendo?”.

Na fala da entrevistada fica evidente que mediante a disponibilidade do esposo, sua primeira opção é acompanhá-lo. Sua tomada de atitude inicia quando não tem o marido ao lado, é na solidão que resolve agir.

É na sua individualidade e na sua particularidade, que a mulher busca o movimento, não a estagnação, sai de casa para servir e buscar a realização para si mesmo.

Meneghetti (2013a, p. 258) descreve o líder como aquele que:

“sabe servir e resolver melhor para os outros, para alcançar a eficiência em realização para si mesmo... O escopo último é o *progress* satisfatório de si mesmo, que é efetuado pela demonstrada capacidade de ser uma eminente função social”.

Neste contexto, a entrevistada “A” não escolhe o vazio, escolhe a ação, é através do fazer e do servir que, é em primeiro lugar a si mesma. O líder, segundo o viés ontopsicológico, se realiza através da sua função social, é por meio do oferecimento de suas habilidades que ele interage socialmente para ampliar-se. Assim, a entrevistada manifesta em seu discurso que faz para “ser”.

Cabe explicar que a Ontopsicologia, regata através da ontologia, o conceito de “ser”. O “ser” se refere ao um “uno” que se desdobra em individuações. É através do específico que o



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

geral se abre. Esse elemento fundamental é o ser (Meneghetti, 2010). Do mesmo modo, o ser é específico de cada individuação.

A identificação da primeira categoria foi acompanhada de exemplos de outras mulheres rurais que têm sua saúde mental prejudicada e ainda um exemplo cuja mulher tirou a própria vida.

O combate ao envelhecimento e a doença, delimita a segunda categoria que se refere a satisfação pessoal e o alcance da felicidade. Uma segunda motivação que fundamenta a participação das mulheres na “Casa das Trabalhadoras” é o cultivo da alegria de viver. Parte das integrantes destaca que se sentem felizes em participar do grupo e nomeiam a atitude como bonita e gratificante porque podem aprender, se distrair e trocar experiências com seus pares.

Metade das entrevistadas participa de forma individual, sem que outro membro da família também integre o grupo. Duas das entrevistadas pertencem a um mesmo grupo familiar, sendo que uma delas iniciou a participação em um primeiro momento e posteriormente convidou um novo membro de sua família.

Em todos os casos, os recursos financeiros advindos do trabalho na “Casa das Trabalhadoras do ‘Campo à Cidade’” são recebidos e gerenciados pelas próprias participantes, sendo que, no caso das mulheres que integram o mesmo grupo familiar, os recursos são utilizados para a manutenção das despesas da casa em que residem. Assim, ficou claro que um mesmo modelo é compartilhado, estabelecendo uma prática que em certa medida impede a criatividade e liberdade individual. Por outro lado, considerando o contexto da mulher rural, conforme apresenta Foletto (2013), marcado por características que anulam a voz feminina e considera a mulher como uma força de trabalho múltipla, a participação em grupos de mulheres fortalece a individualidade e neste sentido, uma mulher confere força a outra mulher na busca por algo diferente do usual quando participam juntas em grupos de mulheres rurais.

Todas as participantes enfatizaram que os recursos obtidos a partir de suas atividades são um complemento para a renda do grupo familiar, e que cada membro familiar adulto faz a administração de seus próprios recursos. As participantes “C” e “D”, explicaram que seus respectivos cônjuges fazem a gestão dos recursos da propriedade, gerenciando aqueles relacionados à agricultura e elas, por sua vez, administram os recursos que obtêm através dos grupos que frequentam em favor da casa da família. Assim, seus companheiros as consultam



*Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019*

quando precisam tomar alguma decisão relacionada à gestão financeira da agricultura e do mesmo modo, as esposas consultam seus maridos quando pretendem fazer alguma aquisição para a residência.

As entrevistadas “C” e “D” também aplicam sua força de trabalho na agricultura, não ocupando seu tempo exclusivamente com os grupos de mulheres em que participam. Assim, as mulheres são colocadas como inferiores conforme explica Foletto (2013), pois fazem a gestão de “negócios” menores, como se não tivessem a posse da propriedade, dos meios de produção e também não aplicassem sua força de trabalho na propriedade. Conforme explica Abramovay (1998) este processo tem início na juventude, quando as moças são colocadas de lado, seja no casamento, seja no processo decisório.

Quando questionado sobre o significado de autonomia, uma das participantes solicitou explicação sobre o significado da palavra, pedindo exemplos a que se referia. Assim, fica claro que, neste caso, há um certo distanciamento da habilidade, já que não há intimidade com seu significado.

Quanto a análise da “Autonomia Pessoal”, foi possível estabelecer três categorias distintas. A primeira que faz referência a um maior nível de independência da mulher, a segunda, em um nível intermediário, e a terceira que indica independência financeira de modo limitado.

No contexto do grupo de mulheres integrantes da “Casa das Trabalhadoras”, apenas uma entrevistada disse gozar de um maior nível de independência, pois expressou que sempre foi para frente, que vive bem, está em comunhão com a família, pode manifestar seus pontos de vista e participa dos negócios. Revelou que este estilo de vida foi aprendido com a família de origem e com a família do esposo, sendo que sua mãe foi um exemplo da ação. Além disso, disse que conta com a fé, pensando positivo e agindo em favor deste resultado. Também informou que depende da carona de seu esposo ou do transporte público para se locomover no município e poder frequentar os grupos de mulheres rurais ou participar das atividades da “Casa das Trabalhadoras”.

Outra entrevistada relatou possuir independência econômica, mas que se sente presa a questões familiares. A participante expressou um certo conformismo com a conjuntura de sua própria vida. Disse que quando jovem possuía muitos sonhos, mas que seu contexto era outro,



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

então teve que se adaptar. Informou que passou por muito sofrimento, conferindo ao período dos 20 a 30 anos de idade ao mais árduo. Quando questionada sobre as dificuldades que possui no que tange sua autonomia, expôs que nunca pensou sobre isso e que atualmente se sente bem com sua vida, apesar de ter compromissos com o cuidado dos idosos da família. Destacou que entre seus afazeres, sua preferência e satisfação está em trabalhar.

Por fim, outras duas entrevistadas relataram possuir independência econômica parcial, pois os recursos financeiros que recebem são destinados à manutenção da residência da família. No entanto, relataram que seus cônjuges apoiaram suas respectivas participações nos grupos de mulheres e que se sentem beneficiadas com o envolvimento, pois cultivam amizades e desfrutam do companheirismo de outras mulheres.

Ao serem interpeladas sobre o desejo de possuir um contexto diferente quanto a autonomia, a participante “A”, que relatou possuir um maior grau de independência, informou que tem limitações físicas por conta da idade, mas que sempre agiu conforme sua vontade. A entrevistada “B”, que caracterizou possuir um grau intermediário de independência, relatou: “digamos... é o que temos para o momento...é isso aí...se a minha vida vai mudar, amanhã ou depois, eu não sei”. A partir deste relato, é possível observar um certo distanciamento de sua própria vida, como se não fosse de sua inteira responsabilidade a direção que dá a sua história.

Meneghetti (2013a, p. 325) estabeleceu que uma das sete regras para não errar é “Tudo depende de mim”, esclarecendo que o livre arbítrio é responsabilidade do sujeito e que neste sentido, deve ser fiel à sua própria identidade. Neste contexto, não há espaço para atribuir a outros a não realização de si mesmo, pois é a própria pessoa que deve, a partir da própria leitura, agir em favor da sua satisfação.

Saindo do lugar de vítimas e assumindo o controle sobre sua própria vida, a mulher é capaz de interferir não só no contexto em que está inserida, mas interferir, através de si, em contextos mais amplos. Para Barbieri e Andreola, 2012, p. 493:

Politicamente, são elas que possuem maior probabilidade de conhecer e defender os seus direitos e promover o desenvolvimento local, que posteriormente repercute no contexto global.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A entrevistada “D” relatou estar satisfeita com a situação que se apresenta no que tange sua autonomia. A participante “C”, que é mais jovem, expôs que gostaria de um contexto em que houvesse mais incentivo, que possibilitasse sua participação em outras atividades, sendo seus compromissos familiares, um impedimento para construção de uma realidade diferente.

Avaliando as categorias estabelecidas a partir dos dados coletados, foi possível observar que 25% das mulheres relataram aspectos de sua independência que mais se aproximam da definição de autonomia psicológica estabelecida por Meneghetti (2020), cujo significado se refere à liberdade interior do sujeito. Outros 25% descreveram uma condição de independência mais próxima da autonomia econômica somente, expondo possuir emancipação financeira e realizar a gestão de seus próprios recursos. Metade das entrevistadas, o que corresponde a 50% do total, expuseram um grau de independência mais limitado, no entanto, participar de grupos de mulheres é uma ação de resistência e determinação no contexto em que estão inseridas, conferindo vitalidade em suas vidas.

De modo geral, foi possível compreender que as entrevistadas atingem algum grau de independência em determinadas áreas da vida, no entanto, não alcançam a delimitação de autonomia estabelecida pelos preceitos ontopsicológicos. Para a Ontopsicologia, a autonomia é atingida quando o sujeito alcança autonomia psicológica, legal, econômica e social.

Quando indagado sobre o motivo pelo qual as mulheres rurais não desempenham com maior amplitude sua autonomia, a entrevistada “A” manifestou vontade em não responder porque a partir de sua perspectiva: “sobre a vida das pessoas eu não procuro saber... se não é para ajudar, eu não falo”. Todas as outras entrevistadas, explicaram que os maridos dificultam a autonomia das mulheres no meio rural. A integrante “C” esclareceu que muitos cônjuges têm ciúmes da reunião das mulheres por pensarem que possam haver outros maridos envolvidos nas atividades.

Exemplificando, a participante “B” relatou:

“Mulher não pode sair de casa, não pode pintar o cabelo, não pode arrumar...eu conheço uma pessoa que o marido que corta o cabelo dela e nem pinta, entendeu...ele que faz o corte... e ela não sai sem ele, não pode”.



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

Não é por coincidência que a entrevistada “B” nomeia o período dos 20 a 30 anos como o mais difícil que passou na vida, onde precisou aprender a amadurecer. Na perspectiva deste relato, as mulheres no contexto rural, são podadas, inclusive, na sua individualidade corporal.

Meneghetti (2013a) aponta com o primeiro perigo o cônjuge: “... o parceiro legalizado pela sociedade para estar ao seu lado, que foi escolhido como único, é ele a sentinela social”. Deste modo, o marido funciona como um mecanismo a serviço de um grande engenho.

Neste sentido, a solidão deve ser preservada. Na visão de Meneghetti (2013a) é a solidão que traz a criatividade para trilhar o próprio caminho. O autor complementa que na história daqueles que foram grandes, “os vemos sempre sós” (Meneghetti, 2013a, p. 184). Assim, a passagem se confirma através do relato da entrevistada “A”, quando expõe que procurou atividades fora de sua residência para não enfrentar a velhice em cima do sofá, pois seu marido estava ocupado trabalhando fora de casa.

Meneghetti (2013a, p. 191) mostra que atualmente, os jovens não se interessam pelo casamento por três razões:

- 1) gozam de liberdade total desde os 14 anos (no passado se casavam para obter autonomia e liberdade);
- 2) todos compreendem que casar é um contrato que legalmente impõe restrições custosas;
- 3) os filhos, em vez de serem expansão de propriedade pessoal e familiar, são pressuposto através do qual o Estado entra para inquirir os genitores.

Deste modo, o casamento não é uma alternativa que favoreça o desenvolvimento pessoal, mas um mecanismo de controle, seja por meio do cônjuge, seja por meio dos filhos. A família quando é defendida e procurada remete a o retorno em um núcleo de segurança afetiva, o que significa um retorno a uma dependência pseudo-materna⁴. Assim, o casamento remeteria a “exorbitante necessidade de evadir do medo do isolamento, da insustentável insegurança existencial” (Meneghetti, 2013a, p. 192).

A partir dos relatos e do alinhamento teórico, é possível entender que as mulheres entrevistadas, inseridas no contexto da agricultura familiar, demonstram participar de atividades, como frequentar grupos de mulheres rurais ou a “Casa das Trabalhadoras”, de forma

⁴ “Deve-se entender... uma situação em que o sujeito, mesmo que dotado de um potencial autônomo, tende a registrar constantemente uma tomada de posse...” (Meneghetti, 2013a, p. 192).



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

a variar suas ocupações. Porém não manifestam atingir a autonomia, conforme determina Meneghetti (2020). Assim, as mulheres que participaram da pesquisa não alcançam “uma impostação prática de como se inserir como resultado positivo no sistema social para garantir a si mesmo como pessoa, como ambiente, como sociedade e como *business*” (Meneghetti, 2020, p. 19).

Ainda, no contexto do debate, a entrevistada “B” atribuiu aos meios de comunicação em massa, em especial aos aparelhos de telefone celular, o motivo pelo isolamento das mulheres rurais. Assim, muitas estão acomodadas, outras ao contrário, buscam a convivência com seus pares e cultivam mais a vida do campo por não estarem tão focadas na mídia.

A entrevistada “B” exemplifica em sua fala o declínio da participação nos grupos de mulheres rurais por estarem consumindo a tecnologia de modo errado.

“Tinham 22 grupos, cada localidade... Toda localidade do interior tinha grupo, de 10, 15, 20 mulheres, tem um grupo que tinha 32 mulheres, agora tá só 14. Porque eu vou sair de casa, eu só mexo nisso aqui (apontando para o celular) eu tenho tudo. Por um lado, foi bom, mas por outro, a família não conversa mais [...].

Meneghetti (2013b) explica que os meios de comunicação em massa possuem um poder imenso, impressionando, condicionando e manipulando. O autor mostra que o problema é que, nesta sistemática, a informação não tem reversibilidade com a realidade. Assim, “o sujeito crê, mas as coisas estão em outro lugar, ou então ele - como realidade - está em outro lugar” (Meneghetti, 2013b, p. 109) e não no momento presente.

A partir do contexto delimitado pela pesquisa, é perceptível a necessidade que cada uma das mulheres deve ter em assumir a responsabilidade de construir, através da ação, a condição que deseja para si mesma. Desejar um contexto diferente do que se apresenta e não agir, não é uma equação que gera um resultado positivo. Meneghetti (2020), neste sentido, orientou que para seguir adiante cada vez melhor é necessário jamais escolher uma situação em que fique condicionado.



AntonioMeneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática da pesquisa interrogou a expressão da autonomia feminina no contexto do grupo de mulheres “Casa das Trabalhadoras ‘do Campo à Cidade’”, a partir de pesquisa qualitativa de cunho exploratório que coletou dados por meio da realização de grupos focais.

Os questionamentos propostos às integrantes do grupo foram divididos em quatro categorias (1) Identificação das participantes, (2) Mapeamento da motivação pessoal referente a participação na “Casa das Trabalhadoras ‘do Campo à Cidade’”, (3) Autonomia pessoal e (4) Autonomia no contexto das mulheres rurais. Os dados foram analisados a partir de sua ordenação, estabelecimento de categorias e articulação com os referenciais teóricos.

Buscou-se investigar a expressão da autonomia feminina no contexto das mulheres que integram o grupo selecionado, e para tanto, a autonomia foi contextualizada de acordo com a perspectiva ontopsicológica, compreendeu-se o cenário cultural da agricultura familiar no sul do Brasil a partir da perspectiva da mulher e avaliou-se a relação entre autonomia e o papel da mulher na conjuntura do grupo em que atuam.

Como resultados foi identificado um perfil de mulheres que possuem certo padrão de amadurecimento e estão em busca de bem-estar, convivência entre pares e felicidade para si mesmas. No entanto, foi possível compreender que as entrevistadas atingem algum grau de independência em determinadas áreas da vida, no entanto, não alcançam a delimitação de autonomia estabelecida pelos preceitos ontopsicológicos. Para a Ontopsicologia, a autonomia é atingida quando o sujeito alcança autonomia psicológica, legal, econômica e social.

As integrantes da “Casa das Trabalhadoras” incentivam a participação de outras mulheres nas atividades de grupos como forma de variar suas ocupações, mas sabem identificar que esta é uma decisão individual de enfrentamento, pois o casamento é uma condição que não favorece o desenvolvimento das mulheres pela dominação que seus os maridos exercem sobre as esposas.

Neste contexto, os meios de comunicação em massa foram citados como alienantes. As mulheres rurais, cada vez mais, estão presas à mídia, não preservando características pessoais que estimulem e desenvolvimento da vitalidade.



AntonioMeneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

A partir do contexto delimitado pela pesquisa, é perceptível a necessidade que cada uma das mulheres deve ter em assumir a responsabilidade de construir, através da ação, a condição que deseja para si mesma.

Por fim, é possível considerar que esta pesquisa ofereceu um enquadramento singular, estabelecendo novas perspectivas a partir dos resultados que apresentou.

Analisar a mulher proveniente da agricultura familiar como sujeito no contexto em que está inserida não é uma perspectiva comum, tendo em vista os estudos relacionados a aspectos culturais do espaço rural. Aprofundar as diversas particularidades da individualidade da mulher rural enquanto pessoa é uma área pouco desbravada no campo científico e que merece mais envolvimento.



AntonioMeneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, Ricardo (Org). **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília, DF: UNESCO, 1998.

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ANTONIO MENEGHETTI. Disponível em: <<http://www.antoniomeneghetti.org.br/home/>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA - ABO. **Ontopsicologia**. Disponível em: <<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/definicao>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BARBIERI, Josiane Beatriz Piccin; ANDREOLA, Maria Tereza. Conquista da autonomia integral, em mulheres, através de projeto social e instrumento de *training* sociopsicológico. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 491-507, 2012.

CAROTENUTO, Margherita. Prefácio. *In*: MENEGHETTI, Antonio. **Feminilidade como sexo, poder, graça**. Trad. Ontopsicológica Editora Universitária. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Ed. Universitária, 2013.

FETAG - RS – Federação de trabalhadores na agricultura do Rio Grande do Sul. **Mulheres trabalhadoras rurais**. Disponível em: http://fetagr.org.br/tipo_departamento/mulheres/#. Acesso em: 09 nov. 23.

FOLETTTO, Noelle Viegas. **Estudo de caso sobre a trajetória rural feminina no Rio Grande do Sul**. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MENEGHETTI, Antonio. **A mulher do III milênio**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2000.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... inteligência e donnità**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... jovens e realidade cotidiana**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **A psicossomática na ótica ontopsicológica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de ontopsicologia**. 2. ed. rev. ampl. Recanto



Antonio Meneghetti Faculdade
Recredenciada pela Portaria MEC nº 1.078 de 31/05/2019

Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Ed. Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de ontopsicologia**. 4.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MENEGHETTI, Antonio. **Seis mulheres e a imaculada concepção**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013c.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

STROPASOLAS, Valmor Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. Ufsc, 2006.

WEBER, Claudiane. **A díade jovem e ambiente: o rural no horizonte sul brasileiro**. Orientadora: Helena Biasotto. 2014. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Antonio Meneghetti Faculdade, AMF - Repositório Acadêmico, 2014.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste**. Brasília: Edub; São Paulo: Hucitec, 1995.

YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. 5. ed. Thousand oaks: Sage, 2014.